



## PROJETO VIVA A VIDA EM CADA ATO

*ONG leva teatro à feira para falar da violência e desigualdade sofrida pela mulher*

**N**uma feira livre, um grupo com os rostos pintados de branco e roupas extravagantes aproxima-se tocando e cantando uma música sobre a desigualdade da mulher na sociedade. Das barracas, atentos à movimentação, vendedores de frutas, verduras e legumes chamam a atenção de suas freguesas para a qualidade dos produtos que comercializam. Após a canção, o grupo começa a encenar a condição da mulher dona de casa, submissa ao companheiro e à violência doméstica. Aos berros, os feirantes tentam impedir a continuidade da dramatização. Passado algum tempo, diminuem o tom até o grupo conseguir trabalhar.





“Com o teatro na feira, trabalhamos para interromper o modo de contaminação das mulheres, principalmente a mulher que tem parceiro fixo. Consideramos isso uma questão de violência, de desigualdade entre homens e mulheres na nossa sociedade. Essa desigualdade gera contaminação”, afirma a diretora e atriz Marta Baião, coordenadora do Projeto Viva a Vida em cada Ato, do Centro Informação Mulher (CIM).

Marta atribui a reação inicial dos feirantes a certa identificação com a atitude machista de quem não considera útil o trabalho da dona de casa. “A feira é um microcosmo da sociedade. Os feirantes, em sua maioria, são homens como os outros, extremamente machistas e que ainda tratam as mulheres que circulam por ali com um imenso desrespeito”, argumenta.

De uma forma bem humorada, a peça “Vai ter B.O., vai ter” ou “Viva a Vida em cada Ato” ridiculariza o homem que se comporta como um ser superior à mulher, tratando da desigualdade a que Marta se refere. “Nós falamos de coisas engraçadas, mas também dessa violência. Falamos do trabalho invisível da mulher dentro de casa, falamos da relação sexual sem prazer, dos milhares de estupros que as mulheres sofrem dentro de casa cometidos pelos próprios maridos, que não respeitam o prazer delas.”

Segundo Marta, quase 70% das mulheres contaminadas com HIV têm parceiros fixos e muita dificuldade de negociar o uso do preservativo com seus companheiros. Para ela, o homem ainda faz sexo fora do relacionamento sem uso do preservativo. “Quando essa mulher se contamina, morre mais cedo porque não descobre rapidamente a doença e quando descobre não consegue se tratar. Mas quando sabe que o companheiro está contaminado, ela cuida dele.”

Inicialmente, as intervenções do projeto eram realizadas em feiras livres da região central de São Paulo, mas, segundo Marta, as feiras do centro são montadas em dias muito próximos uns dos outros. “Com o tempo, fomos saindo dessa região porque vimos que tínhamos outros espaços para traba-

lhar. Trabalhamos também em lugares como praças e ruas e fomos ampliando a atuação, até que ficamos com dois grupos. Um ia para uma feira, outro para lugares alternativos”, explica ela. Em uma feira do Jardim Miriam, todos os atores se reuniram e um documentário foi feito mostrando esses dois grupos encenando a mesma peça.

Ao contrário dos feirantes, raras são as mulheres que se negam a escutar o que o grupo encena e canta. “Algu-

## “Com o teatro na feira, trabalhamos para interromper o modo de contaminação das mulheres”

mas se incomodam e reclamam, mas a maior parte delas olha com muita curiosidade e simpatia. Uma coisa que eu percebi nas feiras é que a maioria das pessoas, homens e mulheres, conhece a Lei Maria da Penha, apesar de muitas mulheres não receberem a atenção prevista em Lei. Se para os homens a lei virou motivo de gozação, para as mulheres trouxe uma elevação da autoestima. Agora, ela se percebe não objeto e não objeto da crueldade do outro”, comenta

a atriz. “Elas olham das barracas, rodeiam. Distribuímos a todas um kit contendo uma cartilha sobre racismo, homofobia e sobre a Lei Maria da Penha, com gel e preservativos masculino e feminino.” A cartilha traz uma relação não apenas dos serviços de atendimento às doenças sexualmente transmissíveis (DST) e aids, como também os que assistem as mulheres na questão da violência.

Depois de assistirem às apresentações, as mulheres aproximam-se para receber os kits e para contar suas histórias. “Elas dizem que na casa delas acontece violência. Elas contam muitos casos e alguns são atribuídos a uma vizinha. Eu me choco com a crueldade desses relatos. E aqui no CIM vêm muitas mulheres também contar suas histórias, apesar de não sermos uma entidade de atendimento, mas de reunião de informação.”

O Grupo MalAmadas, que apresenta a peça “Viva a Vida em cada Ato”, foi criado no início dos anos 90. O Centro Informação Mulher é uma ONG criada em 1981. Quando Marta entrou para o CIM, em 2001, ela levou o grupo para a organização, que reúne um dos maiores acervos da América Latina na questão de gênero.

CIM  
Centro Informação Mulher  
Projeto Viva a vida em cada ATO

População Prioritária

- ✓ Pessoas em situação de pobreza
- ✓ Profissionais do sexo

Área de Atuação

- ✓ Promoção e Prevenção
- ✓ Promoção de Direitos Humanos

